

Cooperativismo de crédito no Brasil: uma jornada consolidada



» CARMO SPIES
Presidente da Sicredi Planalto Central

O papel estratégico das cooperativas tem sido reconhecido pelo próprio Banco Central, que estabeleceu, por meio do programa Desafios 2022, uma série de metas ousadas para o segmento: como, por exemplo, elevar de 8% para 20% a participação das cooperativas no crédito concedido no Sistema Financeiro Nacional (SFN); elevar de 24% para 40% o crédito tomado pelos cooperados no âmbito próprio do Sistema Nacional de Cooperativismo de Crédito (SNCC); e aumentar a presença de cooperados entre os segmentos de baixa renda e a sua cobertura nas regiões Norte e Nordeste.

Hoje, o cooperativismo de crédito está presente em mais de 118 países e tem mais de 375 milhões de associados. No Brasil, mais de 50% dos municípios já contam com esse tipo de sistema. A região Sul está no topo do ranking, com índice de presença de 94%. Depois dela, destaque para as regiões Centro Oeste (63,8%), Sudeste (61,9%), Nordeste (11,5%) e Norte (2,6%). Somos mais de 847 cooperativas, distribuídas em 7,3 mil unidades e somamos mais de 11,9 milhões de associados.

O chamamento do Banco Central não ocorre por acaso. Uma série de estudos intitulada Benefícios Econômicos do Cooperativismo de Crédito está sendo conduzida desde 2020. A primeira pesquisa, realizada pela Fundação Instituto de Pesquisas Econômicas (Fipe), concluiu que

o cooperativismo de crédito incrementa o Produto Interno Bruto (PIB) per capita dos municípios em 5,6%, cria 6,2% mais vagas de trabalho formal e aumenta o número de estabelecimentos comerciais em 15,7%, estimulando, portanto, o empreendedorismo local.

Outro estudo, conduzido pelo especialista em microeconomia aplicada e desenvolvimento econômico Juliano Assunção, pesquisador do Departamento de Economia da PUC-Rio, mostrou que uma cooperativa de crédito tem capacidade de abertura de agência em municípios a partir de 2,3 mil habitantes. Além disso, as cooperativas conseguem operar em cidades com PIB a partir de R\$ 79 milhões, enquanto para os bancos públicos é necessário um PIB mínimo de R\$ 146 milhões e, para um banco privado, R\$ 220 milhões.

Um terceiro estudo corrobora com a visão de que o cooperativismo de crédito vem desenvolvendo papel relevante para proporcionar acesso a serviços financeiros completos à população de municípios considerados menos atrativos para manutenção de agências para bancos atuarem. A pesquisa avaliou a atuação dos bancos privados, públicos federais e regionais, e instituições financeiras cooperativas entre 2010 e 2018, gerando índices que mostram o nível de dificuldade para a atuação física das instituições em cada município e como elas se comportam nesse cenário. Os

resultados trouxeram evidências de que, comparada às demais, a rede de atendimento cooperativo está em locais de mais difícil bancarização, ou seja, em regiões que são mais complexas para a rede bancária conseguir operar.

A consolidação dessa trajetória de crescimento, aliada à solidez e à saúde dos indicadores das instituições cooperativas, ressalta esse modelo como uma alternativa sustentável e bem-sucedida para ampliar o acesso da população e empreendedores a produtos e serviços bancários e, sobretudo, ao crédito — condição historicamente identificada como requisito para o desenvolvimento e bem-estar de segmentos e comunidades fragilizadas, inclusive em períodos de crise e desaceleração como a que aconteceu atualmente em decorrência da covid-19.

Os efeitos positivos são potencializados pelas características da organização e operação das cooperativas de crédito, que se inserem de forma mais ativa e participativa na vida das comunidades, construindo laços mais próximos e alinhados com as necessidades e finalidades dos cooperados. Alicerçadas em seus valores e princípios diferenciais, as cooperativas constituíram-se como alternativa viável para a inclusão financeira de famílias, pequenos produtores e empresas, garantindo-lhes acesso a recursos, produtos e serviços bancários essenciais para financiamento e consecução de seus objetivos econômicos.

Setor sucroenergético une forças no combate às queimadas

» DARIO GAETA
Diretor executivo de operações agroindustriais da Atvos

Durante o inverno, um sinal de alerta se acende no setor sucroenergético. O período, marcado pelo clima mais seco e chuvas escassas, tende a ser um facilitador de uma das maiores causas de destruição ambiental do planeta: os incêndios florestais. Pouca umidade do ar, fuligem voando pelos céus e invadindo tanto o campo quanto os centros urbanos, devastação de fauna e flora de diferentes biomas. Essas são apenas algumas consequências que observamos, muitas vezes, em decorrência da irresponsabilidade do comportamento humano. Afinal, poucos imaginam que uma bituca de cigarro aparentemente inofensiva pode desencadear uma queimada de grandes proporções.

Quando avaliamos o mapa do Brasil, percebemos que os focos de incêndios se concentram, em grande parte, no Centro-Oeste — um polo de grande importância para a indústria da cana-de-açúcar do país. De acordo com dados do Instituto Nacional de Pesquisas Espaciais (Inpe), somente nos cinco primeiros meses deste ano, os três estados da região registraram cerca de 10 mil queimadas. Buscando esse mesmo retrato em anos anteriores, felizmente notamos que existe uma tendência de queda no número de ocorrências, que já chegou a alcançar a triste marca de 65 mil registros em 2020. Os números alimentam uma boa perspectiva, porém, o problema ainda inspira a necessidade de ações imediatas e, obviamente, sua manutenção.

Dentro desse panorama, o setor sucroenergético vem unindo forças para prevenir e combater o fogo em suas principais regiões de atuação no país. Além de dedicar frotas de veículos e profissionais treinados e preparados nas comunidades do entorno das unidades agroindustriais para atuar em situações de risco, como brigadistas, bombeiros e socorristas, a indústria também atua fortemente nos Planos de Auxílio Mútuo Emergencial (Pames) — grupos formados por empresas, governo e comunidade para auxiliar de forma integrada no atendimento emergencial a incêndios e queimadas, contribuindo assim com os municípios onde atuam.

Assiste-se, ainda, a uma intensificação, nos últimos anos, nos investimentos em equipamentos com tecnologia de ponta e sistemas inovadores que são fundamentais para prevenir ocorrências de fogo. Alguns exemplos são a implementação de uma colheita 100% mecanizada; o uso de termômetros a laser para medir temperatura das colhedoras, a fim de evitar que qualquer sinal de chama se inicie, e de aparelhos digitais específicos para medir fatores como umidade do ar, temperatura e velocidade do vento, de modo a interromper as atividades nos canaviais diante de condições adversas; além da adoção de rigorosas políticas que proíbem o uso de fogo, sob qualquer hipótese, no campo.

Ainda no aspecto de prevenção, a iniciativa

privada se junta às esferas municipal, estadual e federal para disseminar conteúdo informativo sobre o tema para a população, em locais como escolas, hospitais, associações de moradores e outras instituições. Esse trabalho contempla a distribuição de cartilhas, folhetos educativos com os contatos das autoridades competentes, como Defesa Civil (199) e Corpo de Bombeiros (193), e exibição de materiais audiovisuais educativos, reforçando a importância da atitude individual de cada um para contribuir para a segurança das comunidades e a preservação dos ecossistemas onde estão inseridas.

Vale ressaltar que todos esses investimentos e pautas trabalhadas pela maioria das empresas do agronegócio vêm ganhando cada vez mais importância em linha com o Objetivo de Desenvolvimento Sustentável (ODS) #13 da Organização das Nações Unidas (ONU), que prevê ações contra a mudança global do clima. Além de o combate às queimadas ajudar a preservar os solos, tem forte impacto para reduzir a emissão de gases de efeito estufa na atmosfera, um dos principais agentes causadores do aumento da temperatura no planeta.

Seguimos firmes no nosso propósito e com a esperança de que, até o final de 2022, o número de ocorrências de incêndios continue diminuindo a partir de um maior engajamento por parte de todas as cadeias do agronegócio, do poder público e da população em defesa do meio ambiente.

Visto, lido e ouvido

Desde 1960

Circe Cunha (interina) // circecunha.df@dabr.com.br

Dizer o quê?

É fato que só teremos representantes políticos de boa qualidade, quando tivermos também eleitores com o mesmo grau de excelência. À medida que os cidadãos ascendem em educação e conquistam preparo intelectual, as oportunidades para aqueles candidatos oportunistas e sem preparo vão se estreitando.

Do mesmo modo o adequado preparo educacional dá aos cidadãos e eleitores a capacidade de distinguir entre o candidato que preza a ética, daquele que busca a eleição apenas como meio para enriquecimento pessoal. Dessa forma e de modo geral, o que temos no quesito qualidade dos candidatos para os diversos cargos políticos nas eleições de outubro, reflete, com certa precisão o que temos em termos de eleitores.

Sendo assim não há como culpar o candidato A ou B por suas limitações educacionais e mesmo suas carências éticas, quando o que se tem são eleitores que não conseguem enxergar no ato do voto uma grande oportunidade ímpar para a construção de um país melhor para si e para os seus. A cada quatro anos, as janelas de oportunidades se abrem e fecham por um curto período de 12 horas, sem que os eleitores aproveitem a grande chance de mudar.

O instituto da reeleição, que entre nós tem se mostrado um desastre enorme, diminuiu, ainda mais, as oportunidades de mudanças, com os eleitores se mostrando temerosos e reticentes na escolha de novos candidatos, preferindo aqueles que darão continuidade aos mandatos. O medo da mudança é universal e parece atingir, com mais pontaria, aqueles cuja preparação intelectual é incipiente ou inexistente. O comodismo é sempre um mau companheiro, preferindo a companhia dos iletrados.

Não espanta que os eleitores, em sua maioria, rumem para as urnas, como quem vai para a feira, buscando os candidatos que, de suas barracas, anunciam com vigor, acenando com preços e vantagens melhores. Não surpreende, pois, que essa feirinha sem critérios resulte sempre numa grande xepa de produtos vencidos ou em vias de apodrecer. Para piorar uma situação caótica desde sua origem, há ainda a tutela da Justiça Eleitoral que, em consonância com as mais de 30 legendas, praticamente, toma conta de tudo, restando ao eleitor apenas o ato cego do apertar de um botão, num ritual mecânico e que pouco tem contribuído para o aperfeiçoamento do país e da sociedade.

Ao tornar aptos para concorrer candidatos, que num país sério, estariam cumprindo longas penas, a Justiça e os partidos contribuem, cada um a seu modo, para tornar precário e ruim um sistema eleitoral, que até agora só tem servido para torrar os recursos dos pagadores de impostos. Não há aquela necessária peneira, nem por parte dos eleitores, nem por parte da Justiça Eleitoral, nem tampouco por parte dos partidos que, em nosso país, não passam de empresas a gerar lucros para seus controladores.

É nesse ciclo perverso que são estruturadas as eleições, com eleitores mal preparados ou indiferentes, candidatos idem e com currículos maculados, e com Justiça e partidos políticos fazendo cara de paisagem à espera, quem sabe, de um tipo de mudança que virá para que tudo permaneça como sempre esteve. Dizer o quê?

» A frase que foi pronunciada

“Combater a corrupção não é apenas boa governança. É autodefesa. É patriotismo.”

Joe Biden

Banalização

» Havia uma época em que arrancar os dentes e fazer dentadura era moda. Depois, o aparelho reprodutor feminino, as amígdalas, os dentes sísis e, agora, a cirurgia de catarata. É preciso fiscalização séria nos produtos usados na cirurgia que, se estiverem contaminados, podem até levar à cegueira. Cabe à Agência Nacional de Vigilância Sanitária (Anvisa) maior rigor no acompanhamento dessas cirurgias em massa. O fato de a cirurgia de catarata ser rápida, não quer dizer que seja simples ou sem risco. A população precisa ser informada sobre o assunto.

Eixão

» Via de maior velocidade na cidade, vem surpreendendo motoristas mais distraídos. Volta e meia, há engavetamento de carros, onde freadas são repentinas, principalmente, perto do marco zero.

Homenagem

» Hoje no UniCeub palestra: *Mulheres Eternas, contribuições para políticas públicas*. Neste ano, o destaque é para aquelas que participaram ativamente do mundo político. As homenagens serão póstumas, para não haver confusão com ideologia às vésperas das eleições. Mais informações é só buscar *Blog do Ari Cunha*.

» História de Brasília

Fica, assim, atendida, em parte, a reivindicação dos alunos daquela cidade-satélite, embora eles merecessem, realmente, atendimento total. (Publicada em 9/3/1962)